



# PREFÁCIO

## NO MUSEU, ONDE ESTÁ A TRAVESTI?

**Lirous K'yo Fonseca Ávila<sup>1</sup>**

Coordenadora Geral da Associação em Defesa dos Direitos Humanos (ADEH)

A travesti tem o seu acesso negado em diversos espaços e um dos que não cogitamos participar são das atividades culturais propostas pelos museus. A cultura artística ainda é excludente na vida das pessoas trans, é difícil aceitar que vamos sair para algum lugar e correr o risco de sermos violentadas, ter o nosso acesso negado direta ou indiretamente ou sofrer quaisquer tipo de preconceitos que estraguem o nosso passeio, e é por isso que muitas de nós se acostuma a não sair de casa.

Desde que eu me entendi por travesti, acabei aprendendo que determinados lugares seriam hostis comigo e que as pessoas deixariam explícito que a minha presença não seria bem-vinda. É muito comum a exclusão e o preconceito vir das classes mais altas; ao que parece, a violência aumenta quanto maior prestígio e poder aquisitivo a pessoa acredita ter. Em contrapartida, é essa a classe que mais consome o produto 'travesti'.

O produto 'travesti' é aquele ofertado na esquina, pelo site, seja programa, *striptease* ou vídeos pornô. O Brasil ainda é o país que mais mata travestis e transexuais segundo pesquisas da ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais, porém, é o país que mais consome pornografia trans.

Segundo a ANTRA, mais de noventa por cento da nossa população ainda se encontra na prostituição, isso porque o mercado de trabalho ainda não absorve a nossa população. Recheado de justificativas batidas, a exclusão do meio familiar e social acabam nos direcionando diretamente para as ruas e essa realidade acontece no mundo todo.

A violência do corpo trans não tem local e nem hora para acontecer e quando acontece nos locais públicos com muita circulação acabam somando cúmplices que compactuam com as violências. Acredito

---

<sup>1</sup> Assistente Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2500520407531482>

que a família tradicional brasileira ainda teme a nossa presença, servimos como amantes, mas não cabemos nos mesmos espaços que circulam as suas famílias.

É importante ressaltar que uma pessoa que busca a travesti para programa é uma pessoa que tem carro, paga o programa e o motel, logo uma pessoa da classe média. Geralmente são pais de famílias que trabalham a noite ou buscam meninas que trabalham de dia nos seus intervalos de serviço. É muito comum saber de histórias com médicos, taxistas, porteiros e vigilantes que saem de suas casas deixando as suas famílias sobre o pretexto de que vão fazer um extra.

E por que trazer esses dados para esse texto é importante? Porque trarei nele a importância que tem de preservar a história da travesti, de criar estratégias de que nossas vivências e passagens pela vida, não sejam em vão. Nossas vidas costumam ser muito curtas, a expectativa de vida de uma travesti está entre 28 e 35 anos, pouquíssimas são as que envelhecem e as que conseguem não se aposentam e são sujeitas ao cuidado dos familiares ou à solidão.

Somos mortas de formas brutais, geralmente os crimes acontecem antes ou depois do ato sexual. Nossos assassinos? Geralmente pais de famílias que temem serem descobertos, a maioria dos crimes contra travestis e transexuais acabam impunes.

O mais cruel disso tudo é pensar que não somos apenas silenciadas durante a vida, mas que ao morrer somos apagadas da história. A história de uma travesti inicia com um nome ao qual não nos identificamos e somos enterradas com o mesmo nome, negando totalmente a nossa existência na Terra, pois ao buscar os nossos registros você não encontrará uma foto sequer marcada com o nosso nome morto de batismo. Muitas famílias preferem assim, enterrar o corpo e o problema juntos.

O mais incrível é que nós mulheres trans estamos sendo mortas e não viramos notícias. Quantas mortes de mulheres trans você ouviu falar na grande mídia no ano de 2019? No ano passado foram mortas mais de 100 mulheres travestis e transexuais, a maioria delas não completaram 30 anos de idade. Quando saem notícias locais, sempre carregam o nome morto de batismo, às vezes as autoridades locais não se interessam nem em contatar os familiares.

Assim como de um lado vivemos uma exclusão familiar que costuma acontecer a partir dos 13 anos de idade, muitas meninas relatam que foram expulsas entre 14 e 15 anos. Há famílias que aceitam o nosso gênero e sexualidade, às vezes não por completo, mas respeitam a permanência da menina, quando não pela renda familiar, muitas são toleradas somente por dividirem com a família a renda da prostituição. Também existem casos de expulsões severas em que a família volta a procurar a travesti quando descobre que ela está economicamente bem.

Um outro ponto que deve ser frisado é que na existência da trans ou travesti o estupro é algo corriqueiro, tido inclusive como natural para muitas que relativizam os fatos. Por ser uma constante, a maioria das meninas não denunciam os abusos, porque são desencorajadas pela polícia por serem

profissionais do sexo e/ou travestis. Eu mesma já passei por diversas situações e todas elas aconteceram depois que eu me assumi Lirous.

Com tudo isso já relatado posso afirmar que a vida de uma travesti é forjada na violência e em muitas das vezes é só com essa mesma forma de violência que conseguimos responder quando somos agredidas. Socialmente somos postas de lado em todos os aspectos, somos obrigadas a reinventar uma forma de sobrevivência e, ainda por cima, obrigadas a seguir as leis de um país que nos exclui e negligencia.

Desde que eu me forjei como Lirous tive que aceitar que haveria coisas corriqueiras à maioria das pessoas que socialmente não estariam ao meu alcance. Seja um trabalho no mercado formal, a ida a espaços públicos aos quais eu sentia que seria violentada e a educação. Uma delas eu consegui contornar, mas estou ocupando uma universidade onde as pessoas desconhecem as especificidades de uma mulher trans, somos negadas a todo o tempo, invisibilizadas e postas a prova de uma tal de meritocracia fajuta por aqueles que nem sequer tiveram que conversar com os seus pais sobre sexualidade ou pensar no que comer no dia seguinte.

Hoje podemos dizer que existem várias aberturas para que as mulheres trans possam acessar a universidade, mas o que será feito depois com um diploma na mão ainda é uma incógnita. Convivi com diversas travestis que iam para a aula de dia e se prostituíam a noite, tendo os auxílios e bolsas negados em uma seleção não justa onde alguns contemplados podiam ir para a faculdade de ônibus enquanto muitas de nós éramos obrigadas a ir a pé. Ainda o que nos restava de segurança era o diploma somado a um concurso público, que trouxe uma certa estabilidade a muitas travestis.

Quando falamos de travestilidade e transexualidade, falamos de identidade de gênero. A travestilidade é uma identidade de gênero feminina e por isso chamamos de ‘A travesti’, enquanto a transexualidade pode ser ou não binária. Ela pode ser masculina, feminina, nenhuma delas, ou um pouco dos dois.

Às vezes é complicado falarmos de gênero pois no nosso país somos direcionadas a acreditar somente em dois gêneros, como se as pessoas nascessem homens e mulheres. A identidade de gênero é atribuída ao bebê antes mesmo do seu nascimento, quando se descobre o sexo da criança. No discurso biomédico conservador, ainda vemos a reprodução de que homens nascem com pênis e mulheres com vagina, como se o órgão sexual ainda fosse determinante para o desenvolvimento de uma pessoa e não as experiências adquiridas no decorrer de sua longa formação.

Junto com o discurso biomédico, sempre acompanham os papéis de gêneros, esses que vão nortear o caminho em que cada pessoa dependente do seu sexo biológico irá ocupar. Um bom exemplo desses papéis de gênero é o fato de acreditar que homens gostam de azul e mulheres de rosa, que é natural homem saber dirigir e mulheres saberem cozinhar. Os papéis de gênero são determinantes no crescimento das

pessoas, eles começam a ser inseridos através de brincadeiras, ou da proibição delas, e isso vem afetando o desenvolvimento social a nível catastrófico.

É muito comum vermos homens em busca de uma companheira que saiba limpar a casa e cozinhar, para muitos a extensão da mãe no seu relacionamento é primordial para a sua existência. É pensar que muitos homens ‘cisheterossexuais’ não sabem cozinhar, ou sentem vergonha de comprar produtos de limpeza em um supermercado, como se isso fosse afetar a sua ‘homemoridade’. Já em algumas mulheres é comum que acreditem que a sua ‘mulheridade’ é atingida quando sentem dificuldade de usar salto, maquiagem ou de não estarem bem apresentáveis dentro da ditadura machista de comportamento quando são apontadas de não ser uma ‘mulher de verdade’.

Nós, travestis, também sofremos essas violências, geralmente quando não somos o padrão mulher para os ‘cisheterossexuais’ homens ou negamos querer qualquer tipo de relação sexual com eles, passamos de ‘a mulher mais gostosa do mundo’ para ‘travekos’ em questão de instantes. Palavras tidas como xingamentos no universo cis, passam a ser usadas contra a população trans, como exemplo, ‘você não é mulher porque não pode ter filhos’. Sempre que eu vejo a fragilidade da ‘caixinha cis’, chamo assim as caixas que servem para guardar os modelos de homens e mulheres ‘de verdade’, retorno com o mesmo questionamento e não me espanta que as respostas sejam para travestis e mulheres cis. Uma das respostas que me surpreendeu foi quando questionei se a mulher que não pode ter filho não seria mulher e a resposta direta foi que a pessoa não se relacionaria com uma pessoa que não pode ter filho e nem que já tenha, pois para ele, isso seriam meias mulheres, mulheres sem valor, ou que não deram valor (por ter tido um filho em um relacionamento ou se separado).

Por isso eu sempre luto pela unificação das pautas femininas, mas separando bem as suas especificidades. E não somente entre mulheres trans e mulheres cis, é importante saber que há especificidades nas mulheres rurais, das cidades, indígenas, negras e com deficiência e de diversas classes sociais. Temos muito mais a somar juntas do que lutando dentro da nossa própria esfera de feminilidade.

Para ter uma noção de como age essa pressão de feminilidade sobre nós mulheres, muitas travestis e transexuais desenvolvem o que chamamos de ‘disforia’, quando o que olhamos no espelho não é exatamente aquilo que esperávamos. E isso pode ser um cabelo curto, uma gordura, um órgão genital e até pelos pelo corpo e rosto.

A disforia faz com que muitas travestis que não se sintam confortáveis consigo mesma, por não adquirirem o que chamamos de ‘passabilidade cis’ não saiam de suas casas para ir até os eventos, mesmo que estes sejam gratuitos. A ‘passabilidade cis’ é o quanto a sociedade nos lê como ‘mulheres de verdade’, passando despercebidas nos espaços públicos, sem que sejamos apontadas como travestis.

O medo de um confronto em um espaço físico se dá pelo medo de sofrermos violência pelo simples fato de estarmos em um ambiente que pode ter crianças, por exemplo. Algumas pessoas justificam

a violência contra travestis em um shopping por combaterem um ato obsceno, não que estejamos cometendo um, mas que a nossa presença influencia crianças e adolescentes, a tal famosa frase ‘O que eu vou dizer para os meus filhos?’ é muito recorrente nessas situações.

Vale lembrar que sair na rua para uma travesti é sempre muito doloroso, por muitas vezes a violência já começa em casa no momento de se arrumar. Das diversas frases que ouvem criticando a sua travestilidade, as mais comuns são: ‘Eu não criei filho homem para usar batom!’, ‘O que os vizinhos vão dizer?’ e ‘Vai acabar matando a sua mãe do coração’, mas sempre quem morre somos nós.

Logo após o processo de se vestir para sair começa a sequência de violência ao sair para a rua, como se a forma que se apresentasse legitimasse as pessoas de poderem violar o corpo da travesti. As violações são as mais inusitadas, perversas e para muitas, bem corriqueiras. De todas as violências, a mais comum é o xingamento.

É bem comum nos depararmos com pedradas, garrafadas, xingamentos que também parte da polícia que deveria nos proteger. Lembro de quando estava na Universidade Federal de Santa Catarina cursando Serviço Social e chegava com os cabelos molhados sem saber o que era, até perceber que uma moça cuspiu no meu cabelo dentro do ônibus por volta das oito horas da manhã quase todos os dias. Esse ato violento, porém simbólico, era para deixar claro para mim que eu não era bem vinda naquele lugar (ônibus). Eu demorei muito tempo para descobrir o que era, como sempre passava por uma parte cheia de plantas e com macacos acreditava que podia ser disso.

Uma outra coisa curiosa é que toda vez que eu entrava no ônibus eu sempre dava ‘Bom dia!’ ao motorista, mas nem sempre recebia de volta, dependendo do motorista era visível a cara de desprezo que ele fazia por me ver ali. E quando chegava na catraca era o momento que eu mais ficava exposta, e era comum ver as pessoas olhando de forma espantada por eu estar ali. Tudo isso às oito horas da manhã, já os relatos na noite, quando saio para trabalhar como DJ, são bem diferentes.

Até chegar no meu local de destino eu passei por humilhações dentro de casa, xingamentos na rua, pedradas, desprezo, micro violências, resistências ao entrar em determinados espaços, quando não violência física. Então, o que motivaria uma travesti a sair do seu local seguro para estar ocupando as vias públicas, perigosas e desafiadoras de uma cidade? Vale lembrar que à noite, no território das esquinas, as pessoas que violentam de dia se sentem intimidadas de se aproximar, temem reações violentas e as únicas pessoas que se aproximam são os clientes. É na noite que ficamos nós contra eles e esse peso de sermos somente eu e o meu violentador intimida muito, pois no fundo, eles sabem que não temos nada a perder.

Como exemplo, deixo aqui os ataques que terreiros vêm sofrendo por algumas pessoas que se intitulam das religiões evangélicas. O mesmo não acontece com o grupo de travestis. Desconheço casos de grupos de evangélicos que tenham ido desafiá-las nos pontos onde fazem programas. Já soube de irem em suas casas de dia e colocarem fogo, agora à noite, no território delas, eu desconheço. Lembro-me de

um dia que eu estava saindo para trabalhar à noite e uma pessoa na parada de ônibus fez o sinal da cruz quando eu cheguei, mas não passou disso também.

Depois de trazer uma série de relatos de violências cotidianas, volto ao questionamento: ‘No Museu, onde está a travesti?’.

Dentre os trabalhos sociais que eu desenvolvo na cidade de Florianópolis, um deles é o de criar estratégias e ações de ocupação dos espaços públicos para travestis e transexuais. Sempre me deparava com a dificuldade de levá-las a eventos. Uma das ações que ficou marcada foi a nossa ida ao cinema para assistir o filme ‘A Garota Dinamarquesa’.

Desde o ano de 2014 eu desenvolvo cafés para a população LGBT, sentia muita dificuldade de conseguir trazer a população travesti/trans nesses eventos. Foi quando eu percebi que as meninas não se sentiam convidadas de fato. Então eu resolvi colocar no folder que o convite era para a população LGBT, mas quantas de nós, inclusive as travestis mais velhas, fazem parte do ativismo LGBT e entende o que representa ou significa essa sigla? Em outra tentativa resolvi colocar ‘Travestis e Transexuais explicitamente, mesmo assim as que eram profissionais do sexo ficavam com vergonha, acreditavam que o convite não era feito para elas, ainda mais vindo de uma travesti acadêmica.

De todas as estratégias, eu achei melhor perguntar. Fiz uma arte, coloquei lá que o convite se destinava a travestis, transexuais, profissionais do sexo, trans-não-binário e LGBTs. Precisei explicitar tudo no folder e fui até elas na madrugada, fazer o convite pessoalmente. Algumas que eu não conhecia, ficaram desconfiadas, outras com os olhos cheio de lágrimas, algumas ficaram comigo o tempo inteiro conversando, isso porque muitas de nós não tem com quem conversar, nem mesmo entre elas que fazem programa, porque ali todas elas são concorrentes umas com as outras.

Resolvi não trazer o conceito travesti e transexual no início com o propósito da tentativa de trazer um desconforto da dúvida de qual é a diferença entre a ‘Travesti e a Transexual. Na década de oitenta, a diferença era a forma com que as meninas se apresentavam, acreditava-se que quem fazia a cirurgia de mudança de sexo era a transexual e a travesti era aquela que não tinha interesse ou que não conseguia fazer por não alcançar os objetivos econômicos necessários para fazer a operação.

O termo transexual é um termo importado e vem com uma realidade já muito comum aqui do Brasil. As meninas costumavam sair do país para trabalhar enquanto profissional do sexo, lá fora elas conseguiam levantar dinheiro e fazer todas as cirurgias necessárias, inclusive a de mudança de sexo. Com isso, ao retornarem ao Brasil, essas meninas não queriam ser confundidas com as mesmas que estavam ainda nas esquinas, e então, se criou um termo classista e separatista que perpetuou até meados dos anos de 2010. Hoje em dia, pensando que deve haver diversas transexuais que não tem condições financeiras de fazer a cirurgia, mas que se identificam como transexuais, os termos passaram a ser vistos como uma forma de identificação de cada uma. Eu, por exemplo, me denomino travesti por ainda ser um termo

marginalizado e essa identificação vinda de trans, que têm um pouco mais de privilégios do que as outras, colabora na quebra desses preconceitos.

Vulcanica Pokaropa (<https://www.instagram.com/vulknik>) é uma das artistas mais importantes para a comunidade trans no cenário atual que ocupa os espaços dos museus. Alguns dos seus trabalhos podem ser vistos no canal do Youtube ‘Cucetas Produções’<sup>2</sup>.

Em uma conversa que tivemos, ela apresentou a dificuldade que os museus têm de contratar a população de travestis e transexuais para trabalhar. A não empregabilidade de travestis e transexuais ainda é uma das maiores barreiras para a inserção da nossa população nas cidades. A falta de empatia e de ações mais efetivas para nos tirar da marginalidade pode vir dos administradores dos museus contratando-nos para cargos de chefia, curadoria, no administrativo, educativo ou quaisquer outras áreas de possíveis contratações.

Uma das dificuldades encontradas pela artista Vulcanica Pokaropa foi que a maioria dos museus não adquire obras de travestis e transexuais. Em 2020, o Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM completou 72 anos, a Vulcanica Pokaropa foi a primeira travesti a ter uma de suas obras adquiridas pelo museu para o acervo depois de mais de 70 anos de existência. Os museus devem adquirir obras e trazer exposições de travestis e transexuais a fim de diversificar as suas artes. As atividades em que há identificação do público, como as exposições de obras de arte, também colaboram para trazer a diversidade do público para o museu: e precisamos pensar em curadorias trans.

Muitas pessoas esperam que os nossos trabalhos artísticos sejam ligados somente a gênero e a sexualidades, mas nem sempre nossos trabalhos tem esse tom. Somos capazes de produzir quaisquer coisas, mas parece que quando não falamos sobre gêneros e sexualidades os nossos trabalhos são desqualificados, como se só nos coubesse esse local para nos expressarmos.

Pensar no lugar que ocupa a travesti é pensar primeiro em como criar estratégias positivas para que tenhamos esse acesso, sejamos e nos sintamos bem-vindas e que haja motivadores importantes para que a nossa presença esteja nesses espaços. Não adianta pensar em populações diversas a partir das nossas vivências e experiências. Quando eu fiz o evento do cinema em que levamos cerca de 70 pessoas trans de 18 a 40 anos nas salas de cinema do Shopping Beira Mar em Florianópolis, nos deparamos com a realidade de que muitas delas nunca tinham entrado no shopping, menos ainda entraram em uma sala de cinema.

Não há como pensar em uma ocupação por parte de travestis e transexuais de espaços que sempre lhes foram negados sem um exercício de busca, um exercício de sair do conforto da divulgação virtual, um conforto da não utilização dos seus privilégios, sejam econômicos ou de vida (cor, classe social, conhecimento), para que os grupos mais marginalizados possam estar acessando aos museus ou quaisquer espaços públicos.

---

<sup>2</sup> [https://www.youtube.com/channel/UCWL4Key\\_oqqWkVAqS-AMrww](https://www.youtube.com/channel/UCWL4Key_oqqWkVAqS-AMrww)

Os privilégios não nos protegem de sofrermos violências. É saber, não se espantar, se homens vierem a nos abordar de forma arrogante ou com cunho sexual, é saber manter a calma e se defender. Para muitos homens, nos tornamos travestis para fazer sexo com eles e indiferente do espaço que estivermos, se estamos lá, é para servi-los. Se manter perto da travesti convidada que nunca esteve em um lugar traz muita segurança e a encoraja a querer retornar.

Trouxe esse relato estando como Lirous há pelo menos 20 anos. Sou Assistente Social e coordeno uma instituição de direitos humanos que acolhe vítimas de violências em Florianópolis. Sou uma artista, produtora gamer e DJ e meu trabalho pode ser visto aqui: <https://www.instagram.com/lirouskyo>.

Agradeço a oportunidade da escrita e encerro com um questionamento: ‘Se o seu privilégio (conhecimento, cor, acesso à informação, econômico, social...) não serve para ajudar as pessoas que estão em uma linha abaixo de você, para que ele te serve?’ Tenho certeza que você que está lendo tem muito mais privilégios do que eu, e o que você anda fazendo para transformar positivamente o mundo em que vivemos?